



| **valter hugo mãe** |

(Valter Hugo Lemos de baptismo, nascido em Angola, em 1971) passou a infância em Paços de Ferreira e em 1980 mudou-se para Vila do Conde. Licenciou-se em Direito e fez uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Em 1992 integrou as Quasi Edições com Jorge Reis-Sá. Em 2001 dirigiu a revista Apeadeiro

e em 2006 fundou a editora Objecto Cardíaco. Publicou diversos livros de poesia, entre eles "três minutos antes da maré encher" (Quasi, 2000), "a cobrição das filhas" (Quasi, 2001), "livro de maldições" (Objecto Cardíaco, 2006) ou "pornografia erudita" (Cosmorama, 2007). A sua poesia está reunida no volume "folclore íntimo" (Cosmorama, 2008). Em 2007 recebeu o Prémio Literário José Saramago pelo

livro "o remorso de baltazar serapião" (publicado no ano anterior, pela QuidNovi). Durante a entrega do galardão Saramago designou o romance como "um tsunami literário". Além desse publicou os romances "o nosso reino" (Temas e Debates, 2004) e "o apocalipse dos trabalhadores" (QuidNovi, 2008). 2a máquina de fazer espanhóis" é o seu primeiro romance na nova editora, Objectiva.

«Sou feito de coisas muito claras e coisas muito escuras»

“a máquina de fazer espanhóis”, novo livro de valter hugo mãe, é uma reflexão sobre a velhice, sobre o que é isso de ser português, uma homenagem a Fernando Pessoa, uma catarse pessoal... e a confirmação de um dos mais interessantes escritores portugueses da actualidade.

Nos teus livros e ao assinares o teu nome não utilizas maiúsculas. Já li diversas razões... afinal, porquê essa opção?

Descobri, quando era ainda miúdo, o modo como o Al Berto podia grafar poemas exclusivamente em minúsculas. Achei coisa de uma limpeza formal incrível, e acabei por inconscientemente ficar com aquela predisposição. Mais tarde quis fazê-lo, não só pelo conforto que me oferecia assim o texto, mas também pela ideia de que as maiúsculas não têm leitura. O meu nome é Valter e assim se lê e entende quer se escreva com maiúscula ou com minúscula inicial. O que se passa é que convenciamos conferir a determinadas palavras - desde logo aos nomes próprios - uma dignidade superior às outras e isso, para mim, não me interessa. Interessa-me que seja a força da frase, a capacidade expressiva do texto a seduzir o leitor para as palavras mais importantes, como se as palavras, sozinhas, se constituíssem como heroínas de um jogo exclusivamente delas, vencendo umas sobre as outras pela sua natureza significativa - inclusive no encontro das convicções de cada leitor - ou simplesmente harmonizando-se e defendendo-se em conjunto, como apaixonadas umas pelas outras.

No teu novo livro, “a máquina de fazer espanhóis”, o senhor silva perde a mulher, aos 84 anos. Ninguém está nunca preparado para aceitar a morte, mesmo sabendo-a inevitável, certo?

A morte é das exigências mais impossíveis que se fazem ao nosso espírito. Não creio que saibamos aceitar o desligar de todas as coisas, sobretudo se não estivermos à

espera de que se trate de uma passagem para outro lado. Pessoalmente, não sinto um terror profundo pela minha morte, sinto um terror profundo pela morte dos que amo. Mas acho que digo isto porque abuso mas vou tendo tempo, quando vir a bocarra aberta para me tragar vou gritar de medo como uma criança. Ainda por cima sou dramático e um pedaço medricas.

Logo nas primeiras páginas lemos que “o amor é para os heróis”. É o medo da perda? Quem não arrisca, nada recebe...

Este livro é feito de muita coisa que me tem andado a magoar nos últimos anos, como a morte do meu pai. Por outro lado, o amor (quem leu a minha poesia já o pode suspeitar) andou a magoar-me de um modo violento. Acredito que colocarmo-nos na mão de outra pessoa é um acto de coragem. Destravarmos os sentimentos e surgirmos puramente vulneráveis diante de quem queremos bem é sempre mais difícil, com a idade, com o acumular das desilusões. Acreditar e voltar a acreditar no amor é coisa para um coração herói, acho isso. É fundamental arriscar, arriscar e sofrer.

ENTREVISTA

João Morales

FOTOS

Nelson D'Aires
e Nélío Paulo

O senhor silva diz que “um problema com o ser-se velho é o de julgarem que ainda devemos aprender coisas quando, na verdade, estamos a desaprendê-las”. Novamente o sentimento de que não sabendo, ou esquecendo, é tudo mais fácil, ou a certeza de que nem o conhecimento permanece connosco?

Eu preciso de me confortar com alguma coisa quando penso na questão da terceira

idade, e conforta-me supor que o esquecimento, um certo entorpecimento da memória e das capacidades cognitivas, acontece para que se entre menos esbugalhado no abismo do tempo em direcção à morte. Posso estar completamente errado, mas é uma visão de quem sofre genuinamente pelos outros e necessita de encontrar explicações benignas para as coisas terríveis que acontecem. Como se isso amenizasse a dor e, por consequência, a crueldade de certas armadilhas da vida.

Numa entrevista ao Ípsilon disseste: “tenho uma concepção estranha da morte; acho que é a nossa grande oportunidade”. Como se articula essa noção com o gosto pela vida?

É verdade. Eu não estou nada certo de que morremos e vamos para o céu, ou para outro lado, qualquer que ele seja. Mas tendo em conta que a vida tal qual a ela acedemos é esta desgraça colectiva, em que pontualmente alguém se põe feliz mas que, genericamente, toda a gente padece de modo atroz, parece-me que a morte pode ser a grande oportunidade. Se não for a morte a levar-nos ao paraíso,

nada há-de ser, que aqui pela terra vai haver sempre o reumatismo e osteoporose para nos encarquilhar o conforto e lixar os sonhos.

Em cima disto, gosto de viver. Deve ser um paradoxo, mas penso em merecer estar vivo. Acho que é isso, faço por merecer estar vivo e merecer o apreço dos outros, disponibilizando-me como posso e gostando das pessoas, a todo o custo.

Neste romance também se aborda o final da Ditadura. Que consequências encontras no facto de ser esta, a que está ainda viva e em grande parte no activo, a última geração a ter sentido na pele esses dois tempos?

Tenho o maior dos respetos pelos testemunhos de quem viveu no tempo da outra senhora e descubro que muita gente resistiu, do modo como pôde, tantas vezes sem espectacularidade nenhuma, mas continuamente, ajudando a que o regime caísse de cansado, já nada legitimado pelo povo. Acho importante aprendermos tudo quanto possamos aprender com a nossa história recente, para que não

pela voz dos outros



◀ Vasco Graça Moura*

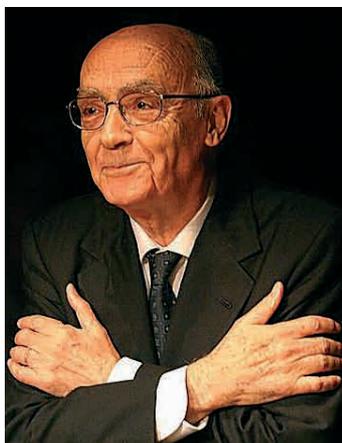
“um trabalho de escrita inovadora e de efeitos surpreendentes (numa linha que em poderíamos encontrar alguns ecos de Guimarães Rosa) que faz o leitor mergulhar num mundo de estranhezas, ingenuidades e brutalidades ancestrais, em parte bebidas numa conseguida simulação de tradições rurais e populares cuja obscuridade grotesca não vai sem recordar alguma escultura medieval, combinando todos estes ingredientes numa composição cruel e pungente”

* na declaração de voto do Prémio José Saramago, Outubro de 2007

▶▶ José Saramago*

Este livro é um tsunami no sentido total: linguístico, semântico e sintáctico. Deu-me a sensação de estar a assistir a uma espécie de parto da língua portuguesa (...) “Lembrou-me algumas ousadias a que me atrevi há vinte anos e que produziram escândalo. Temos outro escândalo, porque valter hugo mãe louvou a expressão escrita da palavra, e abandonou a parafernália sinalética, portanto, tudo o que é supérfluo.”

* A propósito de “o remorso de baltazar serapião”, Na entrega do Prémio José Saramago



△ Os Meus Livros*

“valter hugo Mãe quis separar-se das terminologias correntes da linguagem, recuperando códigos da oficina do romance. Este esforço na procura de um léxico cheio de influências das obras medievais – da prática compositiva oral e poética da canção popular –, da tradição pastoral, remete para um mundo simbólico, corruptor dos convencionalismos e ideologias, com “reminiscências homéricas” e uma ideia de paisagem (antiga) que se adossa integralmente às personagens”

* Ruben P. Ferreira sobre “o remorso de baltazar serapião”, in OML 40 (Junho 2006)

se repitam erros, para que nunca mais se suporte a censura, nenhuma censura, nem mesmo contra a estupidez ou ideias tolas. Cresci a pensar que queria ser escritor e a ouvir alguém dizer-me que por sorte poderia escrever em liberdade. Tive sempre medo que me tirassem a liberdade antes do tempo de poder lutar por ela. Agora quero acreditar num mundo que não recua. Que aprende e melhora. Tenho dúvidas, mas quero muito acreditar.

Quem viu a vida de antigamente tem a obrigação de mostrar como é importante pôr os políticos em sentido e o povo esperançado para que nunca se desista de fazer mais e melhor por todos, para todos.

O livro aborda também um certo sentido de ser português. Achas que temos o hábito de chutar as responsabilidades para debaixo do tapete?

Temos o hábito de não saber muito bem quem é o responsável. Nem precisamos de chutar nada. Por definição, é uma baralhada nos poderes que já nem sabemos a quem pedir explicações, pelo que nos desabituíamos a pedir explicações e a coisa rola.

Não é notório que, ao menos uma vez na vida, suspiramos pela ideia de sermos espanhóis, vivermos numa realidade com um salário mínimo que é o dobro do nosso e fazemos parte de um colectivo que prima pelo orgulho e alguma grandiosidade em relação ao futuro? Não precisa de ser um sentimento a sério, basta apenas que seja um fantasma, mas é certo que nos medimos com os espanhóis e, infelizmente, nos vemos quase sempre a perder. Isto não nos retira a identidade, e talvez esteja a mudar a pés largos, mas acontece porque somos inelutavelmente vizinhos e entre vizinhos há aquela história da galinha, sobretudo quando a dele é mesmo mais gorda do que a nossa.

Sempre disseste que havia uma grande influência da tua editora, Maria do Rosário Pedreira, nos teus livros. Este é o teu primeiro livro numa nova editora. Quais foram as principais diferenças que notaste nesse processo?

A influência que a Maria do Rosário Pedreira e a Ana Pereirinha tinham nos meus livros passava sobretudo pela confiança e segurança no trabalho. Tinha que ver com uma rápida e atenta revisão. Tenho a sorte de nunca ter necessitado de fazer grandes mexidas nos meus livros. “o apocalipse dos trabalhadores”, por exemplo, foi entregue à editora, lido, revisto, corrigidas as provas e impresso em cerca de 15 dias ou menos. Havia um prazo e cumpriu-se, isso foi possível porque a equipa trabalhava bem, mas também porque nunca crio grandes atropelos nos livros dos quais não me desvençilhe por natureza.

Trabalhar com a Objectiva foi muito bom. A Clara Capitão terá feito o papel das minhas amigas de sempre e con-

sidero que nos entendemos muito bem. Desenvolvi um respeito e um carinho muito especial por si e pelo seu trabalho

e ela convenceu-me de que gosta muito do que faço, o que me deixa confortável mas responsabilizado, para continuar a corresponder a essa admiração.



JOSÉ AFONSO, ADOLFO LUXÚRIA CANIBAL, FAUSTO OU DAVID TIBET, SÃO AMIGOS MUITO ÍNTIMOS COM QUEM ME SENTO À MESA DAS MINHAS MEDITAÇÕES

Vais continuar a fazer livros para crianças?

Sim, quero muito. Ando preguiçoso, porque tenho até várias histórias e ilustrações em mãos, mas o romance, mais o início das crónicas no Jornal de Letras, mais o disco com o Governo, e as peças de teatro, e tanta outra coisa, não me têm deixado margem para mais. Mas volto aos miúdos sem dúvida, adoro crianças (quero ter filhos e ainda não tenho) e vou pensar muito nelas garantidamente.

E a poesia? Já confessaste que eras um irredutível da poesia, mas que o romance te foi conquistando. Alguma coisa na gaveta à espera de saltar cá para fora?

A poesia é um território cada vez mais delicado. Por alguma razão estranha os meus poemas tornaram-se muito confessionais, não é por acaso que intitulei a recolha da minha poesia “folclore íntimo”. Tenho estado a dar um tempo. Publiquei muita poesia e quero deixar que o tempo a leve ainda para outros rumos. Quero saber se o silêncio cria algo novo no meu percurso.

Publicaste o “livro de maldições” em que cada texto tem uma dedicatória. Quais são os escritores de quem sentes maior influência?

Alguns, sendo ainda os meus preferidos ou não, tenho de acusar a importância, diria didáctica, de autores como Al Berto (que amarei sempre e não concebo como se possa não amar), Fernando Pessoa, Kafka, Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes, José Saramago, Albert Camus, Heiner Müller, Lautréamont, entre outros. Mas noto que as dedicatórias nesse livro incluem muitos músicos, porque é certo



Multiplicidade A obra de valter hugo mãe não se esgota na literatura, experimentando outras formas de arte, como a música ou ou a pintura.

que alguns compositores me impressionam desde sempre, não só pelas qualidades imediatamente musicais, mas também pelos textos que cantam, e nesse aspecto o José Afonso, o Adolfo Luxúria Canibal, o Fausto ou o inglês David Tibet, são figuras do meu imaginário, amigos muito íntimos com quem me sento à mesa das minhas meditações.

Qual foi a maior descoberta que fizeste com os dois livros para crianças que publicaste, “A Verdadeira História dos Pássaros” e “A História do Homem Calado”?

Há toda uma energia positiva que tem de imperar no momento da escrita; tudo tem de contribuir concretamente para a formação livre e cuidada da criança que contactará com a história. Percebi que tenho uma tendência natural para textos entre o profundamente belo e o impiedoso, e que numa história de crianças o equilíbrio é essencial para que nada se torne irreversivelmente assustador. A criança precisa de se sentir segura a atravessar a história.

Divides a tua actividade pela escrita, pela música, pelas Artes Plásticas. Os objectivos são os mesmos, quando te exprimes em suportes diferentes?

Compreendo as coisas todas pela mesma necessidade de me colocar à prova e expressar. Sou assumidamente deslumbrado com os artistas, e durante a vida toda não me vi como um artista, mas alguém que está perto, que chega perto para os observar e admirar. Creio que sempre fui inseguro em demasia para deitar mão de alguma coisa como se fosse minha. Cada passo que dei, dei por convite de alguém. Não procurei editora, fui convidado para o meu primeiro livro. Não procurei galeria, fui convidado para

a exposição que vim a fazer. Não procurei um grupo de música, fui convidado para trabalhar com um músico que gostou da minha voz. Tenho sempre medo de me impôr e tenho sempre medo de falhar, mas perdi o medo de tentar e, sobretudo, librei-me dos complexos e da ideia de não ter direito a fazer o que quero de facto fazer.

E o universo de que te socorres? Que “pontes” podemos encontrar entre a música, os textos, as imagens que crias?

As pontes são fáceis de perceber. Sou um rapaz feito de coisas muito claras e coisas muito escuras, não tenho paciência para intermédios. Resulto sempre num lirismo muito grande, poderia dizer também uma grande delicadeza, que se acompanha de um medo profundo, um desencanto, um negrume que cobre cada coisa a dado passo. Por isso, acho que tudo o que faço tem esse tom poético, meio delicado, que depois é trespassado por uma tristeza e uma desfiguração que fere muito. Os meus livros são assim, os meus desenhos são monstrinhos delicados, a minha voz tem alguma doçura mas é profundamente melancólica. Não sei ser de outra maneira.

Tens projectos na área do teatro e do cinema. Fala-me um pouco sobre eles.

Estou muito contente por recuperar a minha relação com o teatro enquanto autor. Fiz umas aproximações, há mil anos, que não foram adiante, mas agora trabalhei com o Teatro Bruto, para quem escrevi a peça “Cratera, as crianças com segredos”, e estou a trabalhar com o Teatro Jangada, que ainda vai estrear o texto “A morte dos tolos”.

Para o cinema, estou a ultimar o manuscrito de um filme que se chamará “Bicicleta”, e que será produzido pela Filmes Liberdade. É um projecto maravilhoso que abrirá ao mundo o famoso Bairro do Aleixo, no Porto, agora que está prestes a ser deitado abaixo em prol de interesses financeiros glutões, ou não fosse a zona onde se encontra uma das mais privilegiadas da cidade para a vista do Douro.

Em diversas personagens e histórias tuas questiona-se a esperança. Como olhas para o ser humano? Digamos, achas que é parte da solução ou do problema?

Estou cheio de dúvidas. Caramba, há uns tempos achava mesmo que nos íamos safar, mas entretanto Copenhaga falha, o Obama não deixa de ser americano, e a gente a reciclar sacos do Feira Nova não vai lá. É urgente mais, e agora com a economia em baixo está tudo preocupado com preservar impérios e nada disso de degelos e aquecimentos e dignificação dos trabalhadores. Estou lixado (em conversa no norte diz-se com f) com a humanidade. Anda a tirar-me a ingenuidade como se me fossem às perninhas, é isso mesmo, às perninhas, em linguagem de Guimarães. Vi no Obama um momento incrível, e penso que ainda assim foi dos males o menor, mas agora era mesmo o momento para um

super-homem, um tipo que voasse e deitasse raios com os olhos e viesse cheio de ética explicar à matilha dos governos que isto vai rachar e que podem bem ficar com o ouro nos bolsos que ele não vai fazer grande falta quando estivermos todos mortos. Li que neste século a população mundial desce drasticamente para um terço. Vai morrer muita gente que não precisava de morrer...

Já afirmaste: "tenho a certeza de que não vou chegar a velho". Como podes ter essa certeza?

Tenho reumatismo, apneia, sintomo cansado após trinta metros de caminhada, como hamburgueres, bebo coca-cola e frequento um café onde se fuma e a extração do ar não funciona grande coisa. Além disso, convenci-me quando novo e agora vou a rasto, é difícil, neste aspecto, mudar de ideias. Se chegar a velho, vou ser um velho muito debilitado.

Já foste editor, primeiro com outro sócio, depois sozinho. Gostavas de voltar a sê-lo? Agora só falta experimentares numa grande editora...

Em cheio. Não digo numa estrutura descomensurada, mas gostava de ligar-me outra vez à magia de colocar cá fora livros em que acredito. Gostava, e porque a poesia é bicho que ferra e não larga, de dirigir uma colecção de poesia em que publicasse 3 ou 4 livros por ano, não mais. 3 ou 4 livros escolhidos sem pressões de grandes nomes ou modas. Gostava de fazer, sempre, algo pelos novos, como foi apanágio do meu trabalho na Quasi.

Este livro está cheio de referências ao Pessoa, em especial à Tabacaria ("despacho a vida como se tivesse vontade de a despachar à pressa" ou o delicioso "come chocolates, marmanjona, come chocolates". Como é que achas que Fernando Pessoa, ele que morreu novo, encarava a vida?

Era tão atrapalhado quanto eu, ou ainda mais, que eu ao menos cheguei a ir para a cama com a Ofélia, por assim dizer. Adoro o Pessoa, tinha, mais tarde ou mais cedo, de lhe fazer uma homenagem. Ele não precisa para nada, mas preciso eu, é como pagar a alguém o que lhe devemos.

Achas que ele gostaria que lhe fizessem à boca da campa o elogio fúnebre que ele mesmo fez a Mário de Sá-Carneiro ("morre jovem aquele que os deuses amam")?

os três romances



o nosso reino

começa como uma aventura terna e cândida, contada por uma criança obcecada pela diferença entre o bem e o mal. Depois, as personagens fundem-se em vasos comunicantes, metamorfoseiam-se, ganham uma loucura de bichos de muitas patas e várias cabeças, e a morte, arrastada pelo cão dos infernos, alastra por todo o lado. Conseguirá o narrador escapar e transformar-se em borboleta ou anjo libertador?



o remorso de baltazar serapião

Uma ficção brutal situada na Idade Média, reinventando a linguagem supostamente da época. A relação entre baltazar serapião e a mulher é intercalado com algumas Aquestões existenciais, paralelamente à beleza de ermesinda, do seu relacionamento com Dom Afonso, fidalgo local. Pelo meio há um adultério com Teresa Diaba e Sarga, apenas uma vaca, ou a verdadeira protagonista?



o apocalipse dos trabalhadores

a realidade da imigração vista com alguma sátira, embora sem que nunca se imponha a ironia.

«maria da graça é uma mulher-a-dias em bragança esquecida do mundo que tem a ambição, não tão secreta como isso, de morrer de amor; e por essa razão sonha recorrentemente com a entrada no paraíso, onde vai à procura do senhor ferreira, seu antigo patrão, que lhe falou de goya, rilke, bergman ou mozart.

Sim, talvez, mas vejo o Pessoa como um tímido. Iria ser um morto corado. Folgo em saber que ele teve noção de ser um génio. Enfim, podia ser um sentimento pretensioso como o tem qualquer adolescente que escreve três versos, mas no caso dele não seria. Teve de facto a percepção de que erigiu um monumento de linguagem e pensamento. Algo para ser avistado do futuro. Quero acreditar nisto para acreditar que, naquela atrapalhação de não ter ido com a Ofélia nem nada, ao menos ter sido feliz noutra aspecto da sua vida.

Tens um poema intitulado "valter hugo mãe" que começa assim: "o rapaz dotado de três mortes/ tem o nome exactamente igual ao meu". Por acaso sabes quantas ele já gastou?

As três. Não pode gastar mais nenhuma. Mas quer morrer menos do que nunca. No meio da confusão, talvez me sinta mais feliz do que nunca. Enfim, uma felicidade assim consciente, porque vejo em meu redor tanta coisa a desmoronar que é impossível ser-se feliz à grande. Já não corro para a morte. Faço caso e deixo que seja ela a vir apanhar-me, se assim o entender. Agradeço que me ignore um pouco, anseio sempre pelo Verão. ¶